

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º 4 entrega	22.º Anno — XXII Volume — N.º 753	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 DE NOVEMBRO DE 1899	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1900 — PAVILHÃO DAS COLONIAS PORTUGUEZAS



CHRONICA OCCIDENTAL

Domingo, 26 de Novembro, dia celebre na historia da monarchia representativa, eleições para as novas côrtes constituintes.

Machina eleitoral bem montada, engrenagens encebadas a preceito, um simples esforço no braço d'uma alavanca... e uma linda maioria a surdir como por encanto! A velha historia.

Correspondente ás habilidades demonstradas, completa indiferença nos espectadores e na comparsaria.

Como notas extranhas na symphonia toda paz, apenas as eleições em Palmella, onde o governo guerreava a candidatura do sr. Conde de Burnay, e no Porto, onde a lista republicana venceu por grande maioria de votos.

O governo pelos órgãos mais auctorizados do partido progressista annunciou que se desinteressava completamente da eleição na capital das provincias do norte, onde as medidas tomadas, quando do apparecimento da peste bubonica, tinham contra elle levantado seria opposição em todas as classes. Mas nem por isso os agentes do governo haviam deixado de trabalhar na sombra, affirmando-se até que era recommendada por elles a lista chamada dos protestantes.

Teremos portanto fazendo parte da nova camara constituinte, tres deputados republicanos, os srs. Dr. Affonso Costa, Dr. Falcão e Xavier Esteves.

Em Lisboa quasi não houve opposição, visto o movimento de concentração monarchica que entre progressistas e regeneradores se operou por iniciativa do sr. Conselheiro Hintze Ribeiro.

Se portanto não contarmos o Porto e um ou outro circulo de somenos importancia, o paiz assistiu com a maior indiferença ao acto eleitoral, em que a maioria dos electores nem sequer tomou parte, aproveitando o tempo bonito e os ocios do domingo para passear e divertir-se, imitando o exemplo do chefe da monarchia, que n'esse dia em Mafra matou, como atorador muito distincto que é, vinte e tantas galinhas.

O tempo vai uma belleza. Depois das chuvas abundantes, que, durante alguns dias, vieram refrescar a atmospheria e trouxeram uma vida nova aos campos resequidos, eis outra vez comnosco o amoroso verão de S. Martinho com todas suas galas. Vão lá em dias tão lindos encurralar os rebanhos e obrigar-os uma tarde inteira, com seus votos nas patinhas, a pensar na reforma da carta!

E entretanto, não é difficil ás vezes unir n'um mesmo impulso as mais diversas classes. Basta que a idéa seja pura, generosa, que se trate, por exemplo, de prestar o devido preito á memoria d'um grande homem.

Foi o que, ha dias, succedeu. Imponente manifestação foi essa, feita pelas associações e escolas ao grande benemerito da sciencia, Camara Pestana.

O desfilar do cortejo por deante da cova do cemiterio do Alto de S. João, onde, entre montões de cal viva, se vai esphacelando o cadaver do medico, victima de sua dedicação, começou á uma hora e meia da tarde e foi imponentissimo.

O primeiro discurso foi feito pelo sr. Conselheiro Alpoim, que representava o governo, seguindo-se lhe o sr. Conde de Restello em nome da Camara Municipal de Lisboa. Falaram tambem os srs. Drs. Daniel de Mattos e Bernardino Machado pela Universidade de Coimbra e Alfredo Costa pela Escola Medica de Lisboa, o sr. Brito Aranha pela Associação dos jornalistas e muitos outros ainda. Por fim o sr. Dr. Serrano, distincto professor de medicina, leu o elogio do dr. Camara Pestana, trabalho notabilissimo.

A familia real fez-se representar.

Foi uma homenagem digna do querido morto. Honrar os que assim foram illustres é dever e consolação.

A outro medico distincto, cuja morte enluctou Portugal, foi prestada agora a devida homenagem, na imponente sessão da Sociedade de Geographia realisada na noite de 23. Ahi, sob a presidencia do sr. Dr. Serrano, que abriu a sessão, foi lido o elogio funebre do dr. Manuel Bento de Sousa pelo distincto clinico e não menos distincto homem de letras dr. Alves Crespo.

O dr. Manuel Bento foi um grande portuguez e honra nossa na sciencia. Elevar-lhe o seu nome é dever de todos os que se interessam pelas nossas glorias.

Tanta decadencia vemos por um lado, que é

bem descancar-mos, de quando em quando, os olhos em pedaços de luz.

E d'uma boa noticia temos agora que fazer archivo, a da derrota do regulo Mataka, a qual assim pôz termo a uma expedição arriscadissima. O governo vai galardoar o capitão Machado com a commenda da Torre e Espada.

São constantes felizmente as victorias das armas portuguezas.

O mesmo não podem por enquanto dizer nem inglezes nem boers. Ainda a duvida subsiste. Os inglezes teem muito dinheiro, alma da guerra como é vulgar dizer-se, mas os boers batem-se como leões.

Fala-se de paz. Segundo informa um telegramma da cidade do Cabo, alguns funcionarios do Transvaal teriam embarcado em Lourenço Marques para irem ao Cabo com tenções de negocio-a.

Que linda palavra é esta! Como nos sóa bem sos ouvidos! Como é de accordo com todo o azul da abobada cheio de serenidade n'este tempo tão bello, tão cheio de alegria e de meiguice!

O céu de Portugal enfeitou-se. As estrellas do azul criaram um brilho novo, talvez para festejarem as suas irmãs da terra, que tantas vieram agora até nós.

Uma contradança de estrellas a que teem tocado a musica bellas moedas de prata a encherem as gavetas das bilheteiras. O ruge-ruge das notas não deixa de ser musica tambem. Infelizmente não podemos por enquanto falar no tinir do oiro.

Foi-se a Sarah Bernhardt, chegou a Granier.

Ainda o chão da platêa e dos camarotes estava humido das lagrimas que dos olhos sentimentaes haviam deslizado ao expirar a Dama das Camélias, e já gargalhadas em girandolas estufavam até ao tecto, faziam vacillar as luzes nos bicos Auer dos lustres.

Deliciosa a Granier, deliciosas as suas companheiras, de primeira ordem os comicos que a acompanharam nas famosas comedias que ahi nos representou, e que já haviam tido o mais extraordinario exito em Paris.

Não primam pela decencia; mas não deixa de haver uma certa moralidade em tornar o vicio ridiculo. O padre e a ingenua do *Vieux Marcheur*, um nadinha seccantes, mostram as boas tenções do auctor.

Foi-se a Granier, estrejou-se a Hading, a mais linda mulher que hoje representa em theatros, famosa pela sua elegancia e criadora de muitas das mais celebradas peças.

E com esta fecha a serie dos deslumbrantes espectaculos do theatro D. Amelia.

Mas não terminou ainda a chuva maravilhosa. D'aqui a poucos dias teremos a Réjane em S. Carlos.

Depois pensaremos um pouco nas coisas nossas, muitas das quaes estão chamando a attenção de quantos se interessam pelo theatro portuguez.

Annuncia-se para o dia 7 de dezembro a primeira representação no theatro de D. Maria da melhor peça portugueza *O Frei Luiz de Sousa* de Almeida Garrett, ha muitos annos, sem motivo plausivel, afastada da scena. Em meados do mez será representada no theatro D. Amelia a nova peça de Lopes de Mendonça *Amor Louco*.

Não faltam novidades, como vêem.

Em Lisboa cada vez mais se vai desenvolvendo o gosto pela arte dramatica. Cresce o numero dos theatros publicos, são innumerables os theatros particulares. N'estes ultimos as recitas contam-se por centenas cada anno. Verdade é que se não sabe ao certo, quando representam tragedia, ás vezes se aquillo é comedia; mas, isso que importa?

Um actor muito conhecido em Lisboa pela graça das suas anedotas foi uma vez convidado para dirigir uns ensaios d'uma tropa de furiosos. Era um drama horrivel. Havia um acto em que um jogador tragico vinha de noite roubar uma cruzinha d'ouro que a mulher adormecida, cançada de chorar... o costume... a cruz de sua mãe... tinha ao pescoco. O curioso consultou o ensaiador sobre o fato que havia de trazer.

— Não tem visto uns jogadores pela manhã sahindo da batota? Ha uns paletozinhos de gola levantada que definem logo um malandro. E olhar para elles. Velhos, fininhos, desbotados... Não ha que errar.

E no dia seguinte o ensaiador recebia uma carta:

«Meu caro C.

«Não lhe fazendo transtorno agradecia-lhe o favor de me emprestar o seu paletot para o ultimo acto.»

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1900

Projectos para os pavilhões portuguezes

Já em França se designou o actual ministerio, pelo ministerio da exposição, o que quer dizer que se espera seja ao sr. Waldeck-Rousseau que caiba a subida honra de acompanhar o presidente Loubet, na inauguração do grande certamen.

As extranhas provas de energia dadas pelo actual governo da França nas diversas conjuncturas por que tem passado, tal como a questão Dreyfus, já esquecida, e a conspiração ainda em julgamento, parecem justificar e animar essa esperança. Na verdade, seria de toda a conveniencia que assim succedesse, porque os *boycotts*, ou recusos de concorrer, seriam inevitaveis, como já estiveram iminentes durante a crise aguda da revisão do processo Dreyfus. Mas, passada esta grossa nuvem, o horizonte apparece brilhante, e a exposição universal de Paris em 1900 deve ser esplendorosa. A ella concorrem muitas nações estrangeiras, edificando as suas luxuosas installações e exhibindo a variedade infinita e curiosissima dos seus productos.

Entre esses paizes apresentam-se officialmente a Russia, Estados Unidos da America do Norte, Grã Bretanha, Allemanha, Austria, Hungria, Bosnia e Herzegovina, Italia, Hespanha, Belgica, Hollanda, Suecia, Noruega, Grecia, Turquia, Portugal, Bulgaria, Romania, Servia, Persia, China, Japão, Sião, Mexico, Peru, Equador, Transvaal, etc., etc.

Reproduzimos hoje os dois projectos approvados para os pavilhões portuguezes n'esta exposição.

A exposição d'esses projectos e dos outros que foram entregues durante o prazo do concurso, teve logar n'uma das velhas salas do lado nascente da Praça do Commercio, onde está installada a commissão respectiva, e foi grande o numero dos desenhos apresentados, os quaes honraram dignamente os artistas que concorreram. Havia de tudo n'essa exposição, bom e mau, mas abundando o bom, dependendo da melhor exequibilidade de alguns projectos o apreço e conceito que mereceram ao jury. A classificação satisfaz geralmente e pareceu plenamente justificada, porquanto nos projectos premiados e escolhidos se alliam quali ades recommendaveis.

Eram dois os pavilhões requeridos e por isso appareceram projectos para ambos: o pavilhão colonial e o das mattas, caça e pesca.

Para o primeiro vimos, por occasião da exposição, que se abriu em 15 de junho do anno corrente, os seguintes, dos quaes daremos uma brevisima idéa.

O que foi apresentado com a legenda *Lytée* obteve o primeiro premio.

Como se vê da nossa gravura a fachada principal abre-se em uma enorme portada semi-circular, dividida por duas columnas, e aos lados encostam-se dois corpos cylindricos coroados pelas esferas. Ao centro do edificio eleva-se um grande zimbório, dando-lhe o caracteristico d'este genero de construção. Como desenho e aguarção o projecto era bem tratado.

O projecto apresentado sob a legenda *Sem esperança* obteve o segundo premio.

O côrte longitudinal lembrava um trecho de praça de touros. Externamente era bastante decorativo. Aos lados da entrada havia duas estatuas, e na parede viam-se baixos-relevos allegoricos. Não era falta de caracter, sendo bem aproveitados os elementos orientaes, como por exemplo as columnas semi-indianas do portico, que lhe davam muita propriedade.

No projecto *Bona fide*, o auctor aproveitou com um certo *chic* varios motivos architectonicos dos paços de Cintra e da Pena, trechos de antigas casas portuguezas, de entrada exterior e alpendurada, quadrinhos de azulejo, etc., dando ao seu projecto um tom pittoresco, erudito, que não podemos deixar de louvar. Embora miscellanea era um conjuncto agradável de elementos nossos caracteristicos.

O projecto *Minerva* obteve menção honrosa. A fachada inspirava-se na torre de Belem, da qual a parte lateral reproduzia toda a elegancia e cara-

cter. A factura do projecto era muito boa e agradável.

Para o pavilhão das mattas caça e pesca appareceram os seguintes projectos:

M. C. M. Obteve o primeiro premio. É bem elaborado, aproveitando muito bem o elemento decorativo dos azulejos. Talvez um pouco pobre e de construcção levíssima, não é tão imponente como o pavilhão colonial, mas como simples annexo mereceu a preferencia. Reproduzimos-o a paginas 264.

O *Figaro*, dedicando o seu numero especial de novembro corrente á grande exposição universal reproduz este projecto como sendo o do pavilhão principal portuguez, quando elle não é para tal fim e de modo algum corresponde a essa honra.

O projecto *Alpha*, que obteve o segundo premio, era de architectura manuelina, tendo no centro e extremo corpos mais altos, rigorosamente dentro do estylo. O cuidadoso estudo que revelava attrahia a attenção, alcançando aquelle justo premio.

Sob a legenda de *Evhidelfo*, appareceu um projecto barato recordando auns chalets d'aluguer que ha na Cruz Quebrada. O auctor apresentava ainda outro projecto um pouco inferior, e produzia modelos em madeira, e varias amostras dos materiaes da construcção.

Como se deve imaginar, a exposição foi bastante concorrida honrando os nossos artistas, e gostosamente aqui a registamos.

JANE HADING

A mais formosa das actrizes. É tão linda, que se esquece a gente de ouvi-la, ás vezes, só para admirar-a, quando procuramos transformar todos os sentidos apenas no da vista maravilhada.

De muito talento precisa a interprete de Émile Augier e de Alexandre Dumas, que tão calorosamente acaba de ser applaudida nas ultimas duas recitas no theatro D. Amelia, para, por momentos, nos fazer esquecer sua formosura de deusa e commover-nos com as paixões da Aventureira e da Duqueza de Septmont.

Dotou-a com prodiga mão a natureza, fazendo-nos crer que não devem de ser uma lenda as feições esculpturales, os cabellos d'ouro, os olhos como estrellas, da Venus nascida d'um beijo da Aurora na espuma iriada das ondas do mar.

É Venus que voltou á terra, trazendo a mais a voz crystallina que nunca mortaes lhe tinham ouvido.

A fama da celebre actriz franceza é hoje universal. A sua ultima creação em Paris no drama de Émile Bergerat, *Plus que Reine*, valeu-lhe os mais altos elogios de toda a critica parisiense. O exito que obteve, quando no seu giro artistico pela Russia e Inglaterra, foi sem precedentes. São importantissimos os papeis que tem desempenhado.

Não cança admirar talentos. Depois das noites inolvidaveis da Sarah Bernhardt, depois das hilariantes obras de Lavedan em que a Granier se nos impoz como talento comico de ordem superior, era realmente difficil conseguir fazer vibrar uma platéa inteira n'uma ovação unanime. Estava esse milagre reservado para Jane Hading.

Falámos apenas do que ouvimos; mas não é difficil prever que enthusiasmo não ha de acolher a *Sapho*, essa obra prima de Alphonse Daudet.

N'essa noite de saudades, porque é a ultima recita das que a empreza do theatro D. Amelia nos offerece das, já tão banal mas exactamente, chamadas das estrellas, Augusto Rosa representará com Jane Hading o quarto acto da *Estrangeira*.

A ovação deve ser enorme. Jane Hading deve com certeza levar da nossa terra lembrança immarcessivel.

Pois que nos não diga adeus, mas, como a Sarah, *au revoir*.

D. MIGUEL VAZ DE ALMADA

Evocar o nome nobilissimo dos Almadas, em vespas do 1.º de Dezembro, em que se completam 250 annos sobre o memoravel dia 1.º de Dezembro de 1640, é commemorar de algum modo essa formosa data da nossa independencia, o que fazemos jubilosamente publicando o retrato do sr. D. Miguel Vaz d'Almada, o illustre representante actual de um dos mais nobres portuguezes, cujo nome a historia conserva em letras brilhantes nos annaes da autonomia nacional.

Para traçar o perfil biographico de D. Miguel Vaz d'Almada, é justo cedermos a penna a um

talentoso biographo, que, ultimamente, por occasião do seu anniversario natalicio, lhe dedicou os seguintes periodos:

Novo, bem novo, e já orphão de pae, D. Miguel d'Almada começou de prestar á Causa do tradicionalismo o concurso relevante de um nome prestigioso e de um trabalho activo e desinteressado. Bem se pôde dizer d'elle que a nobilissima honra que o principe proscripto lhe conferiu com a nomeação de vogal da actual Logar-Tenencia, a obteve, a um tempo, *par droit de naissance et par droit de conquête*.

Não será excedida por muitos a nobreza do nascimento; e, circumstancia de apontar, não lh'a reconhecem apenas pergaminhos archivados ou curiosos genealogistas: sente a a consciencia popular e ha de por força notal-a o mais simples compendio da historia patria.

Emquanto a gloriosa revolução de 1640, ou a tragica jornada de Alfaroqueira, não se apagarem da memoria d'um povo, que, aliás não pôde nem deves esquecer-as, D. Miguel Vaz d'Almada não carece de authenticar a fidalguia extrema da sua estirpe. Mais: disputam primasias para lhe aquilatar do valor a antiguidade e o renome.

Na propria fundação da monarchia prende tambem a sua á da nobilissima casa dos Almadas. Era tambem um cruzado o primeiro que recebeu do *Conquistador*, em premio aos seus serviços pela boa causa, a doação da villa de Almada, com que accrescentou as honras herdadas na Inglaterra, sua patria.

De então para cá, a nobreza não se conservou apenas nos registos heraldicos ou na justiça magnificente dos monarchas, manteve-se, transmitiu-se, elevou-se, de geração em geração, com uma perpetuidade, e dentro de tão recta linha de successão e de irreprehensivel proceder, que não é esse, por mui raro, o menor titulo de nobreza d'este nosso amigo, e de todos os seus.

Se, no alvorecer da nossa nacionalidade, concorre já assim o nome de Almada (*Alismade*), nunca em Portugal se levantou dynastia ou pelejou lucta de honra, em que pelo lado d'aquellas ou de esta nos não appareça tambem o mesmo fidalgo appellido.

Ao lado dos filhos de D. João I, o fundador da dynastia de Aviz, como que synthetisando por si só, pois que é vulto para isso, as mais bellas e vigorosas qualidades de caracter, surge aquelle cavalheiroso D. Alvaro Vaz, um dos *doses de Inglaterra*, que depois de batalha pelas damas, o tibi da legenda, *Deo, Patriae*, da Madresilva, se foi a morrer, pelo seu principe, com o heroico protesto do: *Fartar villanagem!*

E quando volvidos seculos sobre a historia accidentada d'esta nação, ella solta o grito da independencia pelo esforço da aristocracia, de novo se adeanta ás homenagens agradecidas da posteridade, o nome dos Almadas; D. Antão, D. Luiz, D. Lourenço, D. Francisco, com o serem vultos nobres historicos, são apenas os elos que prendem, n'essa cadeia ininterrupta de cavalheirismo e amor patrio, as nobres tradições dos antepassados aos feitos de honra dos vindouros.

Foi o conde D. Lourenço o pae de D. Miguel d'Almada, que por sua fallecida mãe, filha mais velha do 1.º conde da Figueira, entrelaçou na secular nobreza do tronco varonil as glorias da descendencia dos Senhores de Entre Homem e Cavado, e marquezes de Mortara em Hespanha, cuja fidalguia remonta tambem aos tempos do primeiro Sancho, a cuja côrte pertencia já aquelle Martin Martins Machado, appellidado tal por mercê régia por ter tomado a machado uma das portas de Santarem.

Veem já de vinte annos atraz os serviços de D. Miguel d'Almada ao partido legitimista, que o tem hoje como um dos seus chefes.

Administrando uma casa, estendida por tão distantes dominios, ligado pelo casamento a uma das mais distinctas senhoras da *elite* madeirense, que no esbelto do porte e na propria gentileza reflecte a virilidade do seu espirito e as virtudes do coração; relacionado no elevado meio a que lhe dão direito as suas primorosas qualidades pessoais; sempre, em toda a parte, aqui, no Minho, na Madeira, em familia, na sociedade, D. Miguel nunca renegou, sempre se apresentou, legitimista, e legitimista dedicado, pelo que é queridissimo do seu partido.

Não era por isso de admirar que seus correligionarios o visassem de ha muito como devendo ascender ao elevado posto que hoje occupa entre elles, e quando o sr. D. Alexandre de Saldanha da Gama recebeu o espinhoso encargo de succeder na chefia do seu partido ao conde da Redinha, por certo se sentiu honrado e forte com a cooperação intelligente e desinteressada de D. Miguel Vaz d'Almada e do dr. Domingos Pinto Coelho. E poucos avaliarão talvez, na justa me-

da, o valioso serviço que representou e representa a acceitação por esses tres homeas da Logar-Tenencia do partido legitimista.

GUERRA NA AFRICA DO SUL — O GENERAL JOUBERT

As noticias mais recentes das batalhas de Belmont e Grasspan são o que de maior importancia se refere até agora sobre a guerra na Africa do Sul. Essas noticias que primeiramente fallaram de victorias inglezas não são confirmadas n'esse sentido e se acaso houve victorias britannicas foram ellas fraquissimas, senão duvidosas.

Do combate de Grasspan dizem os ultimos telegrammas que, tendo o general inglez Methuen avançado com uma columna sobre Grasspan, precedido por um comboio blindado, que fazia os reconhecimentos, a seis milhas de Belmont, se encontrou com 2:500 boers. Então o general Methuen ordenou que os batalhões de fusileiros de Northumberland, de Northlancashire e Berkshire Munster, acompanhados por uma brigada naval com duas baterias, lanceiros g e uma brigada das guardas, atacassem os boers.

A brigada das guardas foi encarregada de proteger as munições.

Assim que se avistaram os boers, começou o bombardeamento. Quando parecia que os boers tinham retirado, foi transmitida ordem para aquelles batalhões e a brigada naval darem o assalto.

Encontrando o inimigo disposto a resistir, o combate foi terrivel.

A brigada naval, que ia na vanguarda, teve de parar na marcha, em virtude do fogo inimigo. N'este momento um destacamento inimigo cahiu á retaguarda sobre a brigada das guardas, que se defenderam desesperadamente, tendo perdas que ainda não são conhecidas.

Lanceiros g, que fôra mandado cortar a retirada aos boers quando estes cederam, foi envolvido pelo inimigo.

N'este combate o general inglez tinha 7:500 homens e os aliados orangistas eram commandados pelo general Cronje. De forma que a pequena victoria anterior em Belmont foi duramente paga em Grasspan.

Com taes noticias a anciedade em Londres é profundissima, e a tensão das relações entre a Hollanda e a Inglaterra tambem preocupa bastante a opinião publica n'esta nação.

A batalha de Modder River, conhecida á ultima hora e como uma brilhante victoria ingleza, carece ainda de confirmação.

Tal é pois o estado de duvida em que se está sobre noticias da guerra, mas parece certo que, mau grado dos optimistas inglezes, estes teem perdido muito terreno.

De Joubert, o valente general transvaaliano cujo retrato publicamos, tem-se noticiado o estar ferido, enfermo e até morto, mas esses boatos são desmentidos pelas successivas operações que elle tem commandado e onde apparece.

Da sua boa tactica dão provas as evoluções operadas, embora n'ellas se diga que segue os planos dos officiaes europeus ali em serviço. O nome de Joubert representa, pois, a synthese da lucta pela independencia.

A CONDESSA MAHAUT¹

I

A Luiz de Soveral

Quantos leitores portuguezes, — quantos estudiosos, até, — encontrando-se casualmente na historia da Europa Central com a figura extraordinaria da Condessa Mahaut, a segunda mulher do grande Philippe de Alsacia, nem vagamente terão suspeitado de que fosse portugueza essa mulher formosa e forte que parece ter levado no sangue e no caracter os brios e o engenho da nascente nacionalidade que se constituia aqui atravez e apesar das violencias e das cubiças dos poderosos visinhos!

Quantos, tambem, passeando olhos pasmados pela formidavel genese dos povos e dos Estados modernos, — ou parando-os na historia d'aquella França prestigiosa que faz a maior parte da nossa deleitação litteraria ou da nossa educação social, — quantos, nem por sombras terão percebido no excentrico personagem que lucta e cae heroicamente em Bovines tentando estrangular á nascen-

¹ Excerpto do novo livro *A Condessa Mahaut* do sr. conselheiro Luciano Cordelero, a que nos referimos nas nossas Publicações.



A ACTRIZ JANE HADING

ça essa mesma França, a figura fundamente característica, original, de um português que, a bem dizer, afirma já, em pleno século XIII, o typo aventureiro e resistente da raça nova que se formava n'esta nesga extrema do Occidente europeu, á beira do irrequieto Oceano, em face dos horizontes suggestivos do Desconhecido e do Ideal!

Os nossos historiadores, é claro, não se esquecem geralmente de registrar, em dois traços, n'uma especie de obituario anticipado de velho chroni con monastico, que uma Princeza portugueza, uma filha do nosso primeiro Rei, se foi d'aqui a participar o nome e o poder do Conde de Flandres, o maior feudatario de Luiz VII e de Philippe-Augusto.

Por signal que, ou confessam sinceramente não saber como isto foi, ou não se importam saber o que depois succedeu.

Tão pouco deixam de dizer-nos as historias na-

cionaes, — parca ou superficialmente, embora, — que um Príncipe portuguez, neto do mesmo Rei, sobrinho da mesma mulher, abandonando a Patria, — não se sabe quando, precisamente, — se achou feito, n'um dia, — não importa qual, — conde e senhor d'aquelle mesmo feudo de Flandres, consequentemente, — bem lhes importa, tambem, a consequencia! — primeiro Par e Condestavel da velha França capétiana e militante!

É sabido, comtudo.

Mahaut, Mahthild, Mathilda, *Mathilde*, é Dona Thereza, filha de Dom Affonso Henriques e de sua mulher a Rainha Mahalda, Mathilda, *Mafalda*.

Ferrandus, Ferrant, o *Conde Ferrant*, é Dom Fernando, filho de Dom Sancho o Primeiro e da Rainha Dulcia, Dulce, Aldonsa, Dona *Doce*.

Não se trata, evidentemente, de uma revelação ou de uma descoberta erudita.

Mas estas, como tantas outras existencias vigorosas e opulentas que, destacando-se aventurosamente da Raça ou da Patria, vão, de alguma maneira, continual-a, affirmal-a, distinctamente ás vezes, n'uma individualisação gloriosa de influencia ou de acção, em meios estranhos e longinuos, são almas penadas que vagueiam n'um desamoravel abandono em volta do ninho natal, esquecidas e ignoradas, com se, por tê-lo abandonado um dia, devessem ficar necessariamente indifferentes e alheias ao culto e á licção do nome e da historia commum.

E quantas não ficaram!

Quantas contribuíram, funda e longamente, inconscientes ou dedicadas, para o trama complicado e vário, polychromo e multiforme do desenvolvimento historico da propria existencia nacional de que um simples acaso de fortuna as separou e scindiu bruscamente?!

Quantas, fortuita ou propositadamente, foram ou continuaram sendo, mais ou melhor do que se tivessem persistido vinculadas ao meio originario, agentes ponderosos, irrecusaveis dos destinos patrios?!

A historia portugueza como geralmente se tem feito, — Herculano á parte, — ou como se faz ainda; — a propria historia da formação da nossa raça? — quando não conte como factor organico as nossas velhas relações com a Europa central, ou melhor: com a Europa septentrional; — o movimento, a influencia, a penetração ethnica e social d'essas relações, desde a forte migração e colonisação de gentes do Norte até ao convívio mercantil e ás alianças principescas do periodo da consolidação portugueza: — será sempre, fatalmente, uma historia incompleta e truncada, não raramente inintelligivel e absurda.

A cada passo se achará embaraçada e hesitante a explicação, a comprehensão da existencia e da resistencia politica, — do desenvolvimento e da individualidade segura e nitida de Por-

tugal no tempo e no espaço; atravez dos seculos e a despeito da artificiosa unidade e das estupidas pretensões politicas da Hespanha.

Pois bem: no conjuncto genesiaco, na laboração complexa e fatal de circunstancias e de acontecimentos que approximando as raças e os povos os faz mais ou menos intensamente penetrar-se e transfundir-se, definindo e creando novos productos historicos, — novos povos, novos Estados, raças novas, até — o individuo não é, tão pouco, um termo perdido e alheio, não é sempre um termo passivo e inerte, e tanto que é elle, muitas vezes, — e é isto que faz a sua grandeza na Historia, — que inconscientemente, suscita ou interrompe, origina ou annulla o trabalho e o resultado d'essa laboração em que é variamente, agente, paciente e reagente.

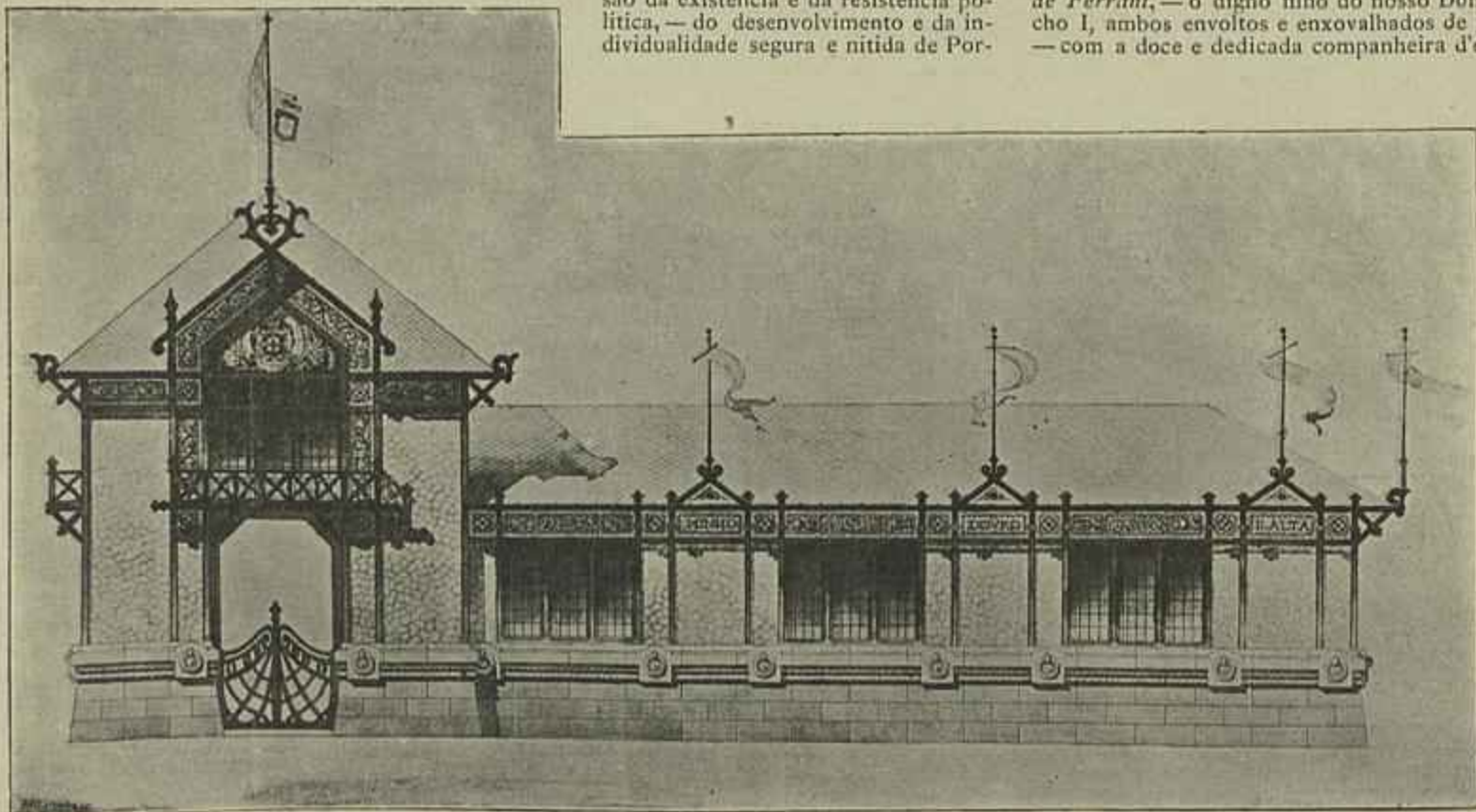
Não desnovelando aqui o thema, tão complexo como interessante, mas recordando um exemplo, entre muitos, que felizmente começa a estimular a attenção dos estudiosos sinceros: — quem não ha de sentir e reconhecer, palpitando ainda nas paginas relativamente modernas da historia nacional, a velha e intensa influencia exercida pelas nossas relações com aquelles originaes e malogrados paizes da Flandres e da Borgonha, de um dos quaes nos veiu authenticamente o primeiro chefe na campanha da Independencia, e a ambos os quaes demos alguns dos mais notaveis campeões da sua prestigiosa e tradicional grandeza?

Sobre os dois personagens que vamos evocar agora, das chronicas sédicas e ignoradas de ha seis seculos para o desfastio intellectual de repousada palestra, pesa alguma cousa mais injusta e ingrata do que o absoluto esquecimento da terra e da gente d'onde elles partiram para a Historia.

Recalca-lhes e fere-lhes a memoria, — hoje ainda! — implacavel e feroz, a lenda da paixão e do interesse politico que estes dois grandes desgraçados tiveram de embargar e combater, inutil, mas valorosamente, um dia, vae em seiscentos annos.

Aqui a tenho diante dos olhos, aberta, escancarada, na velha copia de vetustissimo codice, — simultaneamente ingenua e odiosa, encantadora e medonha, graciosa como uma balada, sombria como a Tragedia: — essa terrivel lenda que logo em vida dos dois se apossou de ambos com os seus longos tentaculos de inveja e de calumnia; — essa mesma lenda que açulou a canalha de Paris a poupar um d'elles quando entrava, vencido e amarrado, na grande cidade; — que resfolgou triumphante sobre os lodos de Furnes quando afogaram e sepultaram o outro.

Aqui a tenho, em flagrante, na sua condensação, na sua expressão a bem dizer original e coeva, a triste lenda da grande, da forte *Condessa Mahaut*, — a filha do nosso primeiro Rei, — e do ousado, do aventureiro rapaz que se chamou o *Conde Ferrant*, — o digno filho do nosso Dom Sancho I, ambos envoltos e enxovalhados de fresco, — com a doce e dedicada companheira d'elle, —



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM PARIS DE 1900 — PAVILHÃO PORTUGUEZ DAS MATTAS, CAÇA E PESCA

pela injustiça bruta, inconsciente das multidões, não pouco, também, pelos interesses e pelas revindictas dos antagonismos políticos do tempo, que a Historia parece ter desalmadamente perfilhado.

É um volume da *Symmicta Lusitana*, da soberba collecção de copias documentaes mandadas colher nos archivos do Vaticano, ha bem cento e cincoenta annos, n'uma epocha, pois, que os nossos politicos e litteratos de agora estão todos os dias averbando parvoamente de obscurantista e de occupada apenas em inutilidades sandias.¹

Contém esse volume a copia de um codice do Vaticano, — quem sabe se o primeiro, — do famoso *Livro de Balduino*, codice inteiramente desconhecido, não citado, pelo menos, na litteratura correspondente.²

— *Cy commence le livre de Baudoin Conte de flandres et de Ferrant filz au Roy de Portugal qu'après fut conte de flandres.*

Não é, como poderia suppôr-se, um inedito. A lenda não desaproveitou a invenção da typographia, e senão antes, em 1478 imprimia já o interessante *Livro*, Bartholomeu Buyer, um dos primeiros impressores de Lyon.³

berbo corpo-de-delicto á critica e ao julgamento da Lenda, em geral, e particularmente da que tem trazido até nós, de roldão, aos pontapés — escallavradas e calumniadas, — as extraordinarias figuras que encheram a historia da Flandres e boa parte da historia da Europa Central do fim do seculo XII e principio do seculo XIII.

Pois que nos fala de portuguezes e se correlaciona com a primeira apparição da nossa raça no theatro do mundo, — sendo aliás perfeitamente desconhecido entre nós, — bom é que o façamos accessivel e o naturalizemos portuguez, um dia, que é aperitivo e encantador, — instructivo mesmo, — como livro de cavallaria e repositório das idéas e feitos de gerações que de mais em mais se esbatem e apagam nos horizontes da nossa vida e da nossa intellectualidade actual.

Mas a Historia previna a Lenda: — explique-a para que se não confunda com ella.

Faça, em summa, uma vez mais, a obra de consciencia e de justiça de arrancar-lhe as victimas das suas ingenuas e grosseiras falsidades.

Hontem, como hoje, a Lenda é a ignorancia, a paixão, a irreflexão.

É a inconsciencia, por conseguinte a injustiça.

NO MAR

De Aden recebeu o nosso querido amigo Dr. Manuel Penteado os versos primorosos de Fausto Guedes, que adeante publicamos.

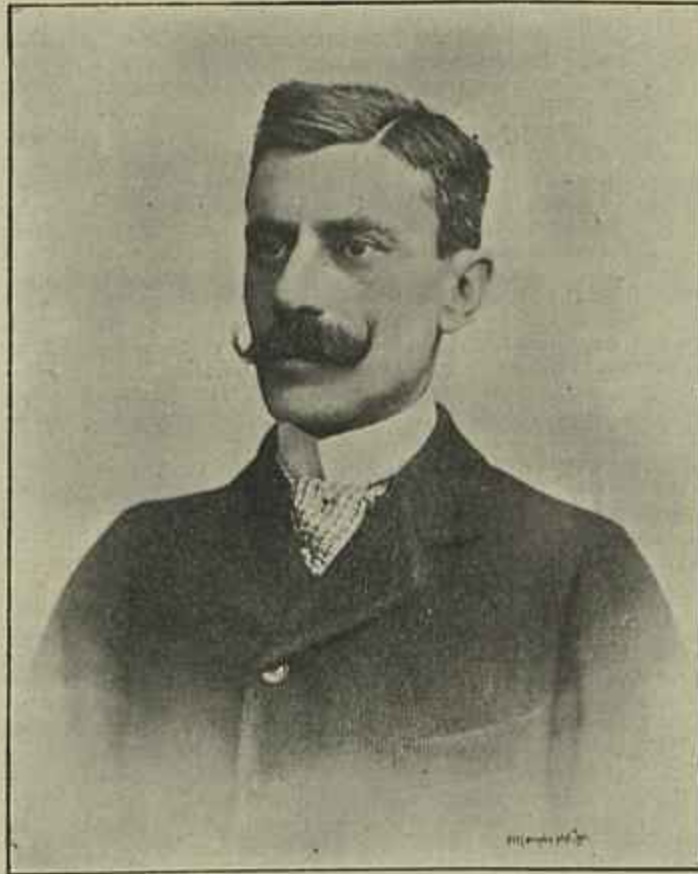
O grande poeta, dos maiores da geração moderna, n'elles espalhou a essencia mais pura da sua alma santissima. Como vibra a saudade da patria, o amor á terra duas vezes mãe! São versos para se guardarem devotamente no coração, para se regarem com lagrimas interiores.

Mais um adeus ao poeta e um aperto de mão ao amigo que nos cedeu tão valiosa perola.

Sobre um barco estrangeiro e sobre um mar que é nosso,
Ponho os olhos na terra e, assim, lico-me a olhar...
Vae para lá também, Alma com que eu não posso;
Oh meus olhos, juntas a vossa agua á do mar.

Velas onde não sangra a linda cruz de malta,
Não ha vento p'ra vós, podem-vos arrear...
— E a quantos, que aqui vão, este ceu não faz falta!
— E quantos morrerão por nunca mais o olhar!

Eu não verei este anno o grande adeus do outomno,
Tambem as folhas só que enchi da minha dor;
Trazem-me a protecção do ceu, que eu abandono,
As gaiotas que vão seguindo o meu vapor.



D. MIGUEL VÁZ D'ALMADA

Escrepto um seculo, se tanto, depois dos acontecimentos que relata e cuja lembrança deveria estar ainda viva e recente, — como observam dois sabios commentadores de Gand, — esse livro oferece, por isso mesmo, a deturpação dos successos e dos personagens, — da propria chronologia, até; — na ingenua e fantasista malsinação dos factos, das circumstancias e dos caracteres, um so-

Não é uma inutilidade, não. Mas não pode ser um juizo.

Mahaut e Ferrant, — ou Dona Thereza e Dom Fernando, — foram dois grandes impecilhos á absorção franceza da Flandres.

Contrariaram-n'a, retardaram-n'a, combateram-n'a.

Sic fata voluerunt.

Evidentemente a Lenda nasceu no campo contrario; acompanhou os vencedores.

Luciano Cordeiro.

Olivier Armoillet com este titulo redundantemente suggestivo. — *L'Histoire et chronique du noble et vaillant Baudouin conte de Flandres lequel espousa le dyable.*

Parece, porém, que em Lyon é que o bello livro encontrara um interesse mais intenso pois que ainda em 1509 o editava ali Claudio Nourry tocando-o com este titulo: — *Les nobles prouesses et vaillances de Baudouyn conte de Flandres et de Ferrant filz au Roy de Portugal qui apres fut conte de Flandres.*

Por encurtar a noticia: ha mais de meio seculo, em 1833, Serrure e Volain, dois illustres estudiosos de Gand, — a velha cidade da Condessa Mahaut e dos Condes Baudouyn e Ferrant, — reproduziam e estudavam o Livro sobre a edição de Chambéry, de 1485.

Ao codice do Vaticano não encontrei até hoje a menor referencia que accuse o conhecimento da existencia d'ella pelos commentadores e editores. O mesmo succede, é claro, em relação á copia da *Symmicta*, que me foi pela primeira vez denunciada por Gabriel Pereira.

Não são muitas nem muito importantes as variantes do trabalho de Gand em relação ao nosso documento, mas as que existem parecem accusar evidentemente, procedencia diversa do texto. Não é isto, porém, o que nos interessa agora.

Gaiotas, continue atraz de mim, em bando,
Compartilhe da minha sorte aventureira,
Encontrareis ao fim, p'ra onde eu vou chorando,
O mesmo lindo azul de ceu e do bandeira.

A nossa patria quando a gente foge d'ella,
Vae ella atraz de nós para nos abrigar...
Termina p'ra surgir de novo, o sempre bella,
E, quando fluda a terra, inda temos o mar.

E a patria, que me deu meus sonhos gloriosos,
Tinha direito á minha vida, ao meu calvario;
Mas eu roubei-lhe até os olhos mais formosos
Para a minha incertezta e o meu destino vario.

E o que lhe dei em troca? O que é que eu fiz por ella
Que não fosse chorar ou que não fosse o mal?
Nada, nada eu deixei á minha terra bella;
Nem um beijo d'amor nem um verso immortal.

Gastei a vida a amar inutilmente a vida;
Perdi tudo até mesmo o que não encontrei;
Escrevi sobre a areia e ella foi revolvida...
Não tive lyra, foi nos nervos que toquei.

Nada em troca lhe dei — tantas coisas tentadas! —
Mas eu podia bem perguntar-vos n'esta hora,
Meus amigos de sempre e meus bons camaradas,
Porque ninguém me disse o que eu vos digo agora?!

Minha gloria eu sei bem como ella é passageira!
Quebra-se-me nas mãos tudo que eu quiz erguer;
Fazei dos livros meus uma grande fogueira
A' hora do sol, p'ra, nem assim, se poder ver.

¹ Empréstou-me esse volume o Rei (Senhor D. Carlos) quando eu desesperava quasi de que a importunada união de alguns estudiosos estrangeiros me podesse encontrar bem longe d'aqui o que assim se me deparou inesperadamente tanto á mão e em não portuguezamente generosa.

Diz o rosto: *Symmicta | Lusitana | ex. Atis. Codicibus | Bibliotheca Apostolica | Vaticana | Tomus tertius | An. Dni. MDCCCLIV* — (Bibliotheca Real da Ajuda).

Pouco depois enviava-me um amigo o tão notavel industrial como estudioso, de Lille, o sr. Oscar Godin, a rara obra: *Le Livre de Baudouyn, conte de Flandres; suivi de fragments du roman de Trainsignes. Publié par MM. C. P. Serrure, professeur, et A. Volain, bibliothécaire, à l'Université de Gand.* — Bruxelles, Chez Berthet e Périschon, 1836.

² A copia tem este titulo: — *Faits De Baudouin Conte de Flandres et De Ferrant Filz du Nance Roy de Portugal et successeur de Baudouin dans la fin du siècle XII.* — E á margem, no alto: — *Ex. Cod. Reg. V. n. 867.*

³ Em 1484 reimprimis-o Antonio — *Anthoine* — Neyret, em Chambéry, e por signal que durante muito tempo foi esta edição considerada como a do primeiro livro impresso n'aquella cidade, onde logo no anno seguinte (1485) a repetiu o mesmo impressor.

Sem data, mas proximoamente, decerto, appareceu a primeira edição de Paris, — *pour Jean Bonfons*, — e outra de Lyon por

meço! Leva-me contigo, João! Leva-me contigo!

O João agarra-a pelos pulsos e sacudindo-a diz-lhe com voz afogada:

— Mas então não sabes que eu já não sou senão um miserável, criatura vil e perdida, um bebado que não presta para nada?... Se me visses, tinhas nojo de mim!... Foge de mim a gente de bem para quem sou uma coisa digna de repulção... E cuidas que eu poderia gostar de ti? Nunca te havia de perdoar o teres-te intromettido entre mim e o Martinho; nunca te havia de perdoar o crime que por ti commetti contra elle. Entre nós se havia de elle erguer emquanto tivéssemos vida... Havia de encher-te de affrontas e de bordoadas cada dia que eu bebesses demais. Tinhas um inferno na vida comigo... Que dizes agora?

A Gertrudes baixa a cabeça com ar resignado e de mãos postas:

— Leva-me contigo!

Um grito de feroz alegria escapa-se dos labios do João.

— Então vem... mas vem depressa... A diligencia só espera um quarto d' hora. Só Franz Maas nos verá; mas esse não é capaz de nos trahir. Ao chegarmos á cidade mudas de vestuario e... Hein? O que é aquillo?

O moinho animou-se. Pela porta aberta de par em par, espalhou-se um clarão entre as trevas. Agita-se uma lanterna pelo pateo, desaparece, torna a apparecer, e, de repente, atirada para longe, atravessa os ares descrevendo uma curva como um meteoro.

(Continua.)



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Cartas de historia portugueza.—A condessa Mahaut por Luciano Cordeiro — Lisboa, 1899.

Mais um trabalho historico erudito e interessante acaba de publicar o sr. conselheiro Luciano Cordeiro. Tem o titulo acima e será seguido pelo *Conde Ferrant*, já no prelo, que o completa e integra.

Cada uma das cartas de historia portugueza que formam este volume é pelo auctor endereçada gentilmente a um dos seus amigos, e n'este volume vemos os nomes dos srs. Luiz de Soveral, Sergio de Castro, Carlos Lisboa, Hintze Ribeiro, Silva Graça, conde de Arnoso, Mousinho de Albuquerque, Julio de Vilhera, Ayres de Sá, conde de Sabugosa, Zacharias d'Aça, Gomes de Brito, Carlos Bocage, Vicente d'Almeida d'Eça, Palermo de Faria, Silva Pinto, Candido de Figueiredo, conde de Monsaraz, José Cabral Teixeira Coelho, J. P. Diogo Patrone e Adrião de Seixas.

A condessa Mahaut tem todo o sabor da linguagem da epoca em que ella viveu, reproduzindo o auctor grande numero de phrases de francez antigo que dão a forma pittoresca da lenda e da chronica compulsada, em toda a sua genuinidade.

N'outro lugar do nosso periodico transcrevemos a primeira carta da collecção, por ser a que melhor esclarece o assumpto do livro, e dá ao leitor uma ideia d'elle.

O *Conde de Ferrant*, sua continuação, é esperado com interesse pela critica, que assaz lisonjeiramente se tem já referido á *Condessa Mahaut*.

Os Albergues Nocturnos de Lisboa.—Associação de que é presidente S. M. El-Rei o Sr. D. Carlos I.—XII.—Typographia e lithographia de A. E. Barata, 25, Rua Nova do Loureiro, 39.—Lisboa, 1899.

Entre nós é sempre consolador ler um documento d'este genero, porque, em geral, não ha senão a registrar a proba administração das pessoas encarregadas d'ella, os seus esforços benemeritos e as providas manifestações das uteis e altruistas instituições. Os Albergues Nocturnos de Lisboa são um estabelecimento á altura da capital e que a honram. Succedaneos das primeiras albergarias, tão curiosas e caracteristicas da velha e franca generosidade portugueza, elles representam um papel notavel na demographia lisbonense, que o illustre relator no presente documento soube brilhantemente accentuar, frisando

o valor do estabelecimento e a necessidade de outras instituições congeneres.

Este relatório é o XII que se publica. Dando notas das contas e actos do conselho de administração em 1897 e 1898, o seu summario, deveras interessante, é o seguinte:

— O Albergue e a sua escola.

— Receita, despeza e haveres da associação. — O asylo nocturno e os seus pobres. — De como acolheu 5:177 durante 24.267 noites e lhes deu 19.043 ceias — Outros beneficios. — A emigração e as estatísticas officiaes — A maioria dos albergados veem da provincia. — As mulheres parturientes ao desamparo; seus filhos sem leite. — Menores abandonados, maltratados e vadios. — Lastimosa desgraça de todos elles. — Urgencia de se fundar em Lisboa um grande estabelecimento de maternidade. — Exemplos da Inglaterra e da França. — De como se deve fortalecer as populações rurales, descentralizando de Lisboa os menores pobres e desvalidos. — Considerações. — A questão de beneficencia e questão social. — Nova maneira de exercer a caridade, para lhe obter uma solução economica. — Confirmação dos precedentes relatorios.

Segunda parte: — A escola do Albergue Nocturno. — Sua inauguração. — De que modo foi

GUERRA NA AFRICA DO SUL



O GENERAL JOUBERT

organizada. — Resultados obtidos. — Os quarenta alumnos da escola já sabem ler, escrever e contar. — Exercícios gymnasticos e militares. — Porque se não organizaram ainda as officinas de aprendizagem. — O Estado e o Albergue; de como este occorreu áquelle com 8:524.800! e porque, ficando desfalcado, não ficou desanimado, e promete organizar as suas officinas. — Considerações finais.

— Mappas, contas e documentos da gerencia de 1897 e 1898.

Diccionario das seis linguas. — Está publicada a setima serie d'esta notavel obra, comprehendendo os fasciculos 31 a 35, que vão desde as letras *Inf* até *Mou* e relativos ás paginas 417 a 496.

Este diccionario, feito sob um plano inteiramente novo, permite conhecer simultaneamente as seis linguas que trata, dispensando a consulta de dictionarios especiaes de cada lingua, resultando maior facilidade na procura dos vocabulos e uma grande economia de tempo.

É um livro utilissimo ao publico em geral e muito especialmente aos estudantes, tabelliães, advogados, escrivães, corporações diplomaticas, consulares, commerciaes e industriaes.

A utilidade reconhecidamente pratica do diccionario accresce a modicidade extrema do seu preço, pois cada fasciculo semanal de 16 paginas apenas custa 30 réis.

Todos os pedidos de assignaturas se podem dirigir á Empresa Editora do OCCIDENTE, Largo

do Poço Novo, Lisboa, a qual está publicando o *Diccionario das Seis Linguas*.

O diccionario abrange o francez, portuguez, allemão, inglez, italiano e hespanhol n'um só volume, contendo por um processo muito engenhoso disposta á consulta do leitor a materia de trinta dictionarios.

Almanach Illustrado do «Occidente». — Acha-se já publicado este apreciado almanach para 1900, contendo a par de um texto selecto e interessante, uma grande profusão de magnificas gravuras, relativas aos acontecimentos mais palpitantes do anno prestes a findar, pelo que constitue um annuario curiosissimo.

Alem do calendario e grande numero de tabelas da maior utilidade proprios de um almanach do seu genero, insere a descripção completa e illustrada do centenario de Almeida Garrett, um retrato allegorico do poeta J. M. da Costa e Silva, varios quadros de costumes portuguezes taes como *As ovariinas* e *Scenas do Minho*; lindas estampas de animaes, a rapoza, a perdiz, etc. Retrato do pintor Pedro Alexandrino, Lançamento do cruzador D. Amelia, com retratos do sr. Conselheiro Jacintho Candido da Silva e engenheiro Croneau; Cruzador D. Carlos e o seu commandante; Janellas historicas de Villa Real, com um curioso artigo; Zacharias d'Aça, Wagner e o seu theatro em Bayreuth, Vasco da Gama perante o Samorim, quadro de Salgado, Actrizes Virginia e Maria Guerrero; Terceiro casamento de D. Manoel, quadro da Misericordia de Lisboa; Os novos prelados portuguezes, arcebispo de Braga e bispo do Porto; Assistencia nacional aos tuberculosos, um lindo retrato de S. M. a Rainha Sra. D. Amelia, dr. Joaquim Evaristo; o Porto, dr. Ricardo Jorge, o bairro da Sé, um conto comico com gravuras, etc.

Os annuncios são todos illustrados, o que dá ao almanach uma extraordinaria riqueza de estampas.

A capa, lithographada a côres, é allegorica ao descobrimento do Brazil e de um bello effeito.

Pelo modico preço de 200 réis brochado e de 300 réis cartonado, o *Almanach Illustrado do «Occidente»* para 1900, é pois, um verdadeiro primor.

Contribuição da Sociedade de Geographia de Lisboa.

N'esta já vasta collecção infleiraram-se ultimamente mais dois importantes trabalhos. O primeiro *Frei Gonçalo Velho*, um substancioso estudo do sr. Ayres de Sá, moço escriptor de largas faculdades de trabalho, que, com um aturado cuidado colleccionou grande numero de documentos interessantes ao assumpto e titulo da sua obra. Constará ella de dois volumes, sendo o que temos presente de 476 paginas e finalmente illustrado. Será porventura este estudo um dos numeros mais valiosos das *Contribuições*.

O outro trabalho é o que tem o titulo *Historia dos Martyres de Nagran*, versão ethiopia publicada pelo sr. Francisco Maria Esteves Pereira, orientalista distincto e a quem se devem tambem outros estudos similares. Não comprehendemos bem a relação d'esta historia com os descobrimentos portuguezes, e portanto a razão da sua inclusão na serie das *Contribuições* da Sociedade de Geographia na commemoração do quarto centenario do descobrimento da India, mas bom foi, todavia, que a falta que supponmos não impedisse a publicação de mais este trabalho erudito, porque com elle houve tudo a ganhar.



Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.